

A História arredonda os esqueletos a zero | Carta semanal 13 (2022)



Almagul Menlibayeva (Casaquistão), *Transoxiana Dreams*, 2010.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em 16 de março de 2022, quando a guerra da Rússia contra a Ucrânia entrou em seu segundo mês, o **presidente do Cazaquistão, Kassym-Jomart Tokayev, alertou seu povo** que “a incerteza e a turbulência nos mercados mundiais estão crescendo e as cadeias de produção e comércio estão entrando em colapso”. Uma semana depois, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) divulgou um breve **estudo** sobre o imenso choque que será sentido em todo o mundo devido a esta guerra. “O aumento dos preços dos alimentos e dos combustíveis terá um efeito imediato sobre os mais vulneráveis nos países em desenvolvimento, resultando em fome e dificuldades para as famílias que gastam a maior parte de sua renda

em alimentos”, observou o estudo. Ao sul do Cazaquistão, na República do Quirguistão, as famílias mais pobres já **gastavam 65% de sua renda em alimentos** antes dos atuais aumentos de preços; com a inflação dos alimentos chegando a 10%, o impacto será catastrófico para o povo quirguiz.

Após a queda da União Soviética em 1991, uma imensa pressão foi exercida sobre os países do Sul Global para que desmantelassem seus projetos de segurança e soberania alimentar, de forma a integrar sua produção e consumo de alimentos aos mercados globais. Em seu discurso recente, o presidente Tokayev anunciou que o governo cazaque iria agora “supervisionar a produção de equipamentos agrícolas, fertilizantes, combustível e estoques de sementes”.



Saule Suleimenova (Casaquistão), Horizonte, 2017.

Enquanto **22% da produção mundial de cereais cruza as fronteiras internacionais**, a Grande Agricultura controla tanto os insumos para a produção de cereais quanto os preços dos cereais. Quatro corporações – Bayer, Corteva, ChemChina e Limagrain – **controlam mais da metade da produção mundial de sementes**, enquanto quatro outras corporações – Archer-Daniels-Midland, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus – **definem os preços globais dos alimentos**.

Pouquíssimos países no mundo conseguiram desenvolver um sistema alimentar imune à turbulência da liberalização do mercado (leia nosso **Alerta Vermelho n. 12** para saber mais). Políticas domésticas modestas – como proibir a exportação de alimentos durante uma seca ou manter altas taxas de importação para proteger os meios de subsistência dos agricultores – agora são punidas pelo Banco Mundial e outras agências multilaterais. A declaração do presidente Tokayev indica um apetite das nações mais pobres para repensar a liberalização dos mercados de alimentos.



Em julho de 2020, uma **declaração** intitulada “Uma Nova Guerra Fria contra a China é contra os interesses da humanidade” foi amplamente divulgada e endossada. **No Cold War**, a campanha que redigiu a declaração, realizou vários **webinars** importantes nos últimos dois anos para ampliar as discussões na África, Ásia, América Latina e Europa sobre o impacto dessa pressão imposta pelos EUA contra a China, e sobre o racismo que inflamou o Ocidente. Parte da análise do No Cold War é que essas manobras dos Estados Unidos visam desencorajar outros países a se envolverem comercialmente com a China e também com a Rússia. As empresas estadunidenses encontram-se em desvantagem em comparação com as empresas chinesas, e as exportações de energia russas para a Europa são muito mais baratas que as exportações estadunidenses. Os EUA responderam a essa competição econômica, não em uma base puramente comercial,

mas a trataram como uma ameaça à sua segurança nacional e à paz mundial. Em vez de dividir o mundo dessa maneira, a Guerra Fria não exige relações entre os Estados Unidos, a China e a Rússia com base no “diálogo mútuo” centrado “nas questões comuns que unem a humanidade”.

Durante esta guerra na Ucrânia, No Cold War lançou uma nova publicação chamada *Briefings*, textos factuais sobre assuntos de interesse global. O Instituto Tricontinental de Pesquisa Social compartilhará esses briefings periódicos neste boletim (você também pode encontrá-los **aqui**). Para sua primeira edição, No Cold War produziu o seguinte Briefing, *A fome mundial e a guerra na Ucrânia*.



A guerra na Ucrânia, juntamente com as sanções impostas pelos Estados Unidos e países ocidentais contra a Rússia, fizeram com que os preços globais de alimentos, fertilizantes e combustíveis “**disparassem**” e pusessem em risco o abastecimento mundial de alimentos. Esse conflito está exacerbando a crise existente de fome global e põe em perigo os padrões de vida e o bem-estar de bilhões de pessoas – particularmente no Sul Global.

Guerra no “celeiro do mundo”

A Rússia e a Ucrânia juntas produzem quase 30% do trigo do mundo e cerca de 12% de suas **calorias totais**. Nos últimos cinco anos, representaram **17% do milho do mundo**, 32% da cevada (uma fonte crucial de ração animal) e 75% do óleo de girassol (um importante óleo de cozinha em muitos países). Além disso, a Rússia é o maior **fornecedor mundial de fertilizantes** e gás natural (um componente-chave na produção de fertilizantes), respondendo por 15% do comércio global de fertilizantes nitrogenados, 17% dos fertilizantes à base de potássio e 20% do gás natural.

A crise atual ameaça causar uma escassez global de alimentos. As **Nações Unidas estimaram** que até 30% das terras agrícolas ucranianas podem se tornar uma zona de guerra; além disso, devido a sanções, a Rússia foi severamente restringida na exportação de alimentos, fertilizantes e combustível. Isso fez com que os preços globais subissem. Desde o início da guerra, os **preços do trigo aumentaram 21%**, a cevada 33% e alguns fertilizantes 40%.

O Sul Global está “sendo atacados”

O impacto doloroso desse choque está sendo sentido por pessoas em todo o mundo, mas de forma mais acentuada no Sul Global. “Em uma palavra, os países em desenvolvimento estão sendo atacados”, **observou** recentemente o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres.

Segundo a ONU, 45 países africanos e “menos desenvolvidos” importam pelo menos um terço de seu trigo da Rússia ou Ucrânia – 18 desses países importam pelo menos 50%. O Egito, o maior importador de trigo do mundo, obtém mais de 70% de suas importações da Rússia e da Ucrânia, enquanto a Turquia obtém mais de 80%.

Os países do Sul Global já estão enfrentando graves choques de preços e escassez, impactando tanto o consumo quanto a produção. No **Quênia**, os preços do pão aumentaram 40% em algumas áreas e, no **Líbano**, **70%**. Enquanto isso, o Brasil, o maior produtor mundial de soja, está enfrentando uma grande redução nos rendimentos das lavouras. O país compra quase metade de seu fertilizante à base de potássio da Rússia e da vizinha Bielorrússia (que também está sendo sancionada) – tem apenas três meses de suprimento restante, com os agricultores sendo instruídos a racionar.

“Os Estados Unidos sancionaram o mundo inteiro”

A situação está sendo diretamente intensificada pelas sanções dos EUA e do Ocidente contra a Rússia. Embora as sanções tenham sido justificadas como direcionadas a líderes e elites do governo russo, tais medidas **prejudicam todas as pessoas**, particularmente grupos vulneráveis, e estão tendo ramificações globais.

Nooruddin Zaker Ahmadi, diretor de uma empresa importadora afegã, fez o seguinte diagnóstico: “Os Estados Unidos pensam que só sancionaram a Rússia e seus bancos. Mas sancionaram o mundo inteiro”.

“Catástrofe em cima de catástrofe”

A guerra na Ucrânia e as sanções associadas e ela intensificam a já existente crise da fome no mundo. A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) descobriu que “quase uma em cada três pessoas no mundo (2,37 bilhões) não teve acesso a alimentos adequados em 2020”. Recentemente, a situação piorou com o aumento nos preços dos alimentos durante a pandemia de Covid-19, mudança climática e interrupções relacionadas.

“Na Ucrânia é uma catástrofe em cima de uma catástrofe”, disse **David M. Beasley**, diretor executivo do Programa Mundial de Alimentos da ONU. “Não há precedente sequer próximo disso desde a Segunda Guerra Mundial”.

“Se você acha que temos o inferno na terra agora, prepare-se”, **avisou Beasley**.

Independentemente das diferentes opiniões sobre a Ucrânia, é claro que bilhões de pessoas em todo o mundo sofrerão com essa crise de fome até que a guerra e as sanções cheguem ao fim.

Download PDF



Stanisław Osostowicz (Polônia), Manifestação antifascista (1932-1933).

Em 1962, a poeta polonesa Wisława Szymborska escreveu “Acampamento de fome perto de Jasło”. Localizado no sudeste da Polônia, não muito longe da fronteira Ucrânia-Polônia, Jasło foi o local de um campo de extermínio nazista, onde milhares de pessoas – principalmente judeus – foram enjauladas e deixadas para morrer de fome. Como se escreve sobre uma violência tão imensa? Szymborska ofereceu a seguinte reflexão:

Anote. Escreva. Com tinta comum

em papel comum; não receberam comida,

todos morreram de fome. Todo. Quantos?

É um grande prado. Quanta grama

por cabeça? Anote: não sei.

A História arredonda os esqueletos a zero.

Mil e um ainda são apenas mil.

Aquele parece nunca ter existido:

um feto fictício, um berço vazio,

uma cartilha aberta para ninguém,

ar que ri, chora e cresce,

escadas para um vazio que salta para o jardim,

ninguém tem lugar nas fileiras...

Cada morte é uma abominação; incluindo as **300 crianças que morrem de desnutrição a cada hora de cada dia.**

Cordialmente,

Vijay